



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB, CAMPUS – I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – DFCS
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

MARIA ALINE NUNES SOARES

**HANS JONAS: UMA ÉTICA DE RESPONSABILIDADE
PLANETÁRIA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

MARIA ALINE NUNES SOARES

**HANS JONAS: UMA ÉTICA DE RESPONSABILIDADE
PLANETÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

676 Soares, Maria Aline Nunes

Hans Jonas [manuscrito] : uma ética de responsabilidade planetária / Maria Aline Nunes Soares. - 2014.
16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia e ciências Sociais".

1. Ética 2. Responsabilidade 3. Natureza. I. Título.

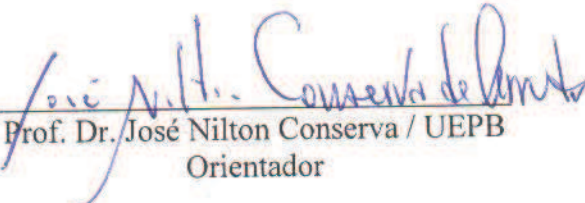
21. ed. CDD 170

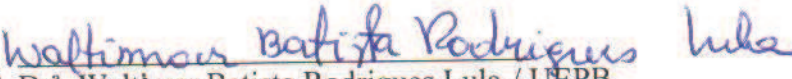
MARIA ALINE NUNES SOARES

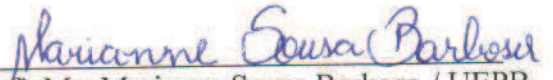
Hans Jonas: uma ética de responsabilidade planetária

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 13/03/2014.


Prof. Dr. José Nilton Conserva / UEPB
Orientador


Prof.^a Dr.^a Waltimar Batista Rodrigues Lula / UEPB
Examinadora


Prof.^a Ms. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

DEDICO à: Adesisto Soares de Sousa (pai),
Marilene de Sousa Nunes (mãe), José Alcimar
Nunes Soares (irmão), Daniela Nunes Soares
(irmã), Lara Nogueira Nunes (sobrinha), José
Nunes da Costa (avô), Nénel (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, a quem confio todos os meus dias e que é o meu amor primeiro.

Agradeço aos meus pais, pelo amor, apoio e confiança a mim depositados.

Agradeço aos meus irmãos por mesmo estando longe, estarem sempre ao meu lado com uma palavra amiga e demonstrações de afeto sempre presente.

Agradeço aos meus amigos - amigos estes, que já existiam antes da graduação - por terem acreditado em mim, e me apoiado em minhas decisões.

Agradeço aos meus amigos que fiz durante a graduação, pois em muitos momentos foram e são a minha família, o meu sorriso, o meu refúgio.

Agradeço aos meus familiares, em especial aqueles que sempre se preocuparam comigo, e como também, tantas vezes, na ausência da minha família, me acolheram em seus lares.

Agradeço aos meus formadores, meus professores, meus mestres, pela amizade, e por terem me orientado na profissão a qual escolhi seguir.

Agradeço de modo especial ao professor Doutor José Nilton, por ter me orientado na construção do meu trabalho de conclusão de curso e, por sempre demonstrar ser um professor dedicado e presente.

Agradeço ao Colégio Estadual Doutor Helpídeo de Almeida, que a abriu as portas para que eu pudesse realizar o meu estágio, e em especial a professora Geane Vidal de Negreiros, que durante seis meses me cedeu todas as suas aulas no 1º E, a qual realizei com muito gosto e dedicação. Não podendo deixar de agradecer ao 1º E, que tão bem me acolheu e que tanto contribuiu para o meu crescimento profissional e pessoal.

Por fim, agradeço a UEPB, esta instituição que me acolheu e ajudou a lapidar os meus conhecimentos.

HANS JONAS: UMA ÉTICA DE RESPONSABILIDADE PLANETÁRIA

SOARES, Maria Aline Nunes¹

RESUMO

O artigo em questão fundamentado na obra de Hans Jonas, *O princípio Responsabilidade*, tem como pretensão promover uma reflexão acerca das atitudes do homem perante a humanidade e a natureza, tendo em vista o grande crescimento tecnológico. Hans Jonas traz a proposta de um novo princípio ético, princípio este, pensado diante do contexto histórico presente. Ele articula uma alternativa ética diferente das anteriores, pois propõe um agir coletivo e uma relação de reciprocidade, na qual o homem terá responsabilidade não somente com o outro que ele se relaciona, mas com tudo o que existe e que ainda existirá. A ética da responsabilidade é a ética do cuidado de si, do outro e da natureza, sendo ela uma obrigação prática perante o futuro na ação do presente.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Responsabilidade. Natureza.

¹ Graduanda em Licenciatura plena em Filosofia, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: a.line.nunes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O homem não está fora da natureza, ele é parte dela. E sendo o homem parte dela, ele se torna responsável por preservá-la. A natureza permanecia intacta, ela cuidava de si mesma. O agir do homem sobre ela acontecia de maneira regrada, visava apenas a necessidade humana e não o progresso pelo progresso. A natureza era intemporal e não se esgotava. O homem poderia trabalhar na terra e ela continuava seguindo o seu ciclo, pois ele – o homem – ainda era pequeno diante da medida dos elementos, e por isso era tolerado o seu atrevimento para com a natureza.

Em nosso tempo, já não é mais considerável o fato de que a natureza possa cuidar de si, pois ela não pode. Hoje as interferências na natureza já não são superficiais. Com o avanço da tecnologia, a técnica ultrapassou os objetivos dos tempos antigos, e o seu crescimento acontece às custas da natureza.

Diante dos fatos, surge um novo significado para a ética, que até então era antropocêntrica. Surge a ecoética, que visa não somente o cuidado para com o homem no presente, mas uma responsabilidade para com as gerações futuras, visando a sobrevivência planetária.

Hans Jonas (1903-1993), teve grande importância nesse processo, dedicando-se a problemática da responsabilidade para com o outro, propondo uma reflexão ética à respeito dos perigos que a humanidade, o planeta correm. Ele apresenta um novo imperativo, que rompe com o egoísmo humano, provocando no homem uma reflexão sobre os efeitos finais das suas ações, visando a continuidade da atividade humana no futuro.

O trabalho se propõe discutir sobre a ética da responsabilidade, nela o ser humano é convidado à responsabilidade por si e pelo o outro, devendo preservar o presente sem comprometer o futuro.

1. SURGE UM NOVO IMPERATIVO

A técnica sempre esteve presente na história do homem, inicialmente apenas para suprir as suas necessidades. Os homens precisavam da técnica e faziam bom uso dela, não a tendo como um meio para o progresso, no entanto não refletiam à respeito das suas ações a longo prazo, pensavam apenas no aqui e no agora, e devido a tal atitude, só foi possível conhecer a vulnerabilidade da natureza após os danos já produzidos a ela.

Hans Jonas percebendo a diferença entre a técnica moderna e a que a precedeu, e vivendo os avanços desenfreados e, em muitos casos, impensados, da tecnologia no século XX, torna pública a sua preocupação com a natureza e o futuro da humanidade, defendendo que o cuidado com a natureza é uma obrigação prática perante o futuro distante na ação presente. Ele propõe um novo agir diante da ética tradicional, nela espera-se que o homem não foque apenas o seu olhar e as suas ações em si e sobre aquele que está próximo no agora, mas como também passe a olhar e agir por aqueles que estão distantes e que ainda existirão, preservando o planeta, para que eles possam ter uma vida digna e confortável.

O grande modelo ético construído por Kant representa bem o tipo de ética que Jonas julga não responder mais aos apelos do presente. Uma ética regida por um imperativo categórico: “Aja de modo que tu também possas querer que tua máxima se torne lei geral” (KANT apud JONAS, 2006, p.47). O imperativo kantiano preocupa-se apenas com o presente, com uma relação de reciprocidade, que neste caso, anula o cuidado com os não existentes, pois estes não poderão corresponder a esta reciprocidade, uma vez que quando eles existirem os homens do presente já não mais existirão.

Hans Jonas ao perceber que este imperativo categórico já não condiz com a realidade, nos apresenta um possível futuro com a *heurística do temor*², e a partir disso faz surgir uma nova ética, propondo um novo imperativo:

Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante [que] deveria ser mais ou menos assim: ‘Aja a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra’; ou, expresso negativamente: ‘Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destruídos para a possibilidade futura de uma tal vida’; ou, simplesmente: ‘Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra’; ou, em um uso novamente positivo: ‘Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer’ (JONAS, 2006, p. 47-48).

Ele propõe um novo princípio ético, o princípio da responsabilidade, no qual deixa exposta a sua preocupação com a sobrevivência futura. É preciso que o homem assuma a sua responsabilidade com o seu modo de viver, ou não terá muita chance de sobrevivência no futuro. A responsabilidade do homem para com tudo que existe e vive tem de ser ilimitada,

² Em vez das probabilidades otimistas e idealistas, Jonas propõe utilizar o medo como forma de aprendizado e fazer da projeção da possibilidade da previsão negativa como condição para alterar a atitude do ser humano frente à natureza.

sendo contínua. O planeta vive uma crise, e por isso o homem é obrigado a repensar as dimensões da responsabilidade que deve ter com tudo e todos.

As gerações futuras não podem pagar pelas escolhas presentes, como também o presente não pode ser violentado em prol do futuro. O homem não pode viver uma vida infeliz para que possa existir uma felicidade no futuro. O novo imperativo, diferente do imperativo kantiano, se dirige ao agir coletivo e não individual. A preocupação em si não é com o homem do futuro ou do presente, mas com a humanidade, com a vida.

Não basta apenas se preocupar com o homem para que daqui a muitos anos a humanidade ainda exista, mas sim, se preocupar para que estes seres ainda não viventes possam ter uma vida digna em um planeta que lhes possa dar conforto e felicidade, e para isso acontecer, as ações de hoje devem ser de cuidado para com a natureza. É inegável que o avanço da tecnologia científica muito fez pela humanidade, porém ao longo da história do progresso da nossa tecnologia, a natureza foi instrumentalizada e usada desordenadamente, e começou a esgotar-se. É interessante notar que, o homem cada vez mais tem utilizado da tecnologia apenas para inflar o seu ego, e afirmar para si, “eu tenho o poder sobre as coisas”, e isso é o que preocupa, pois aí já não se encontram necessidades, ao contrário, apenas um modo de se auto afirmar, e para que essa auto afirmação aconteça outras coisas precisam padecer. Não é porque o homem tem a capacidade de modificar a natureza, que ele tem esse direito. Ao modificá-la, o impacto da sua ação é de nível coletivo e não apenas individual; mundial e não local.

O novo referencial ético implica um rompimento com o modo de existir calcado no uso desenfreado da tecnologia científica. Dessa forma, o homem não deverá agir somente com a responsabilidade, mas como também, com sabedoria, conhecimento e humildade, por este motivo esta prática se torna tão indispensável.

2. O HOMEM COMO OBJETO DA TÉCNICA

A tecnologia tornou-se um instrumento indispensável ao modelo de civilização que construímos; com ela foi possível ao homem alcançar grandes feitos, podendo mesmo realizar tudo aquilo que outrora fora utópico. Mas a que custo? O grito de socorro do planeta se traduz numa interpelação pela sobrevivência de tudo e de todos. E a tendência, caso o ser humano não reveja suas atitudes perante a natureza, é que tudo isso possa vir a piorar de modo a que a situação já não seja reversível. É importante que se possa refletir a respeito da natureza, pois ela "É uma coisa que herdamos de nossos ancestrais e que devemos preservar para os nossos

descendentes, se quisermos que eles não se vejam privados dela" (SINGER, 2002, p 285). E, assim, possam ter uma vida em harmonia com a natureza da qual é parte.

Mas o homem que é um ser de desejos busca sempre ir além do já alcançado, e com a sua busca incessante por poder e autoafirmação, tenta sempre romper a linha do limite. Nessa dinâmica de dominação da natureza por meio de sua tecnologia, o homem acabou por se tornar objeto de seu próprio poder, e é cada vez mais ameaçado pelos avanços da tecnologia que construiu. O homem criou a tecnologia e hoje ele é dominado por ela, não sendo mais o seu senhor, mas sim o seu subordinado.

Os avanços da tecnologia foram muitos, e entre eles, se encontram aqueles que são diretamente relacionados à vida humana. Nesse campo fica mais claro a nossa dependência dos conhecimentos científicos. Já não nos ocupamos apenas em encontrar a cura para a doença, mas em desenvolvermos meios de manipular a vida de forma geral, podendo prolongá-la para a eternidade, e até aqueles que ainda existirão, mesmo antes de nascer, já se tornam objeto de estudo do homem.

Com isso, torna-se interessante refletir a respeito da vida e da questão da imortalidade desejada por tantos, uma vez que, com o avanço da tecnologia, muitas questões com relação a existência humana e a durabilidade da vida surgiram. O homem sem pensar naqueles que ainda virão, deseja uma vida eterna, privando aqueles que ainda não existem, de viver. Diante desse desejo do homem "A morte não parece mais ser uma necessidade pertinente a natureza do vivente, mas uma falha orgânica evitável; suscetível pelo menos, de ser em princípio tratável e adiável por longo tempo" (JONAS, 2006, p. 58). Ao agir de tal modo o homem rompe com todos os princípios éticos tratados aqui, colocando mais uma vez o homem do presente e o presente da nossa civilização, como sendo o centro de todas as reflexões e ações.

Caso seja possível a imortalidade ao homem, esta seria uma ação justa diante da juventude, uma vez que os seres imortais estariam ocupando um lugar que um dia já foi seu, mas hoje não é mais? Junto com a imortalidade do homem, surgem grandes problemas, e entre eles, está a procriação, pois uma sociedade anciã não é capaz de procriar.

Se abolirmos a morte, temos que abolir também a procriação, pois a última é a resposta da vida à primeira. Então teríamos um mundo de velhice sem juventude e de indivíduos já conhecidos sem a surpresa daqueles que nunca existirão. [E por isso] Talvez todos nós necessitemos de um limite inelutável de nossa expectativa de vida para nos incitar a contar os nossos dias e fazer com que eles contem para nós (JONAS, 2006, p 58-59).

Não bastando querer a vida eterna, o homem ainda se sente no direito de usar seres humanos que ainda não nasceram como objeto de seus estudos, sem ao menos dar-lhes a chance de escolher. A manipulação genética é presente, milhares de crianças nascem no mundo como resultado e objeto de estudo. “Saber se temos o direito de fazê-lo, se somos qualificados para esse papel criador, tal é a pergunta mais séria que se pode fazer ao homem que se encontra subitamente de posse de um poder tão grande diante do destino” (JONAS, 2006, p. 61) Não contente com tudo o que já foi possível ao homem alcançar, hoje ele quer brincar de Deus.

3. RESPONSABILIDADE COM O PRESENTE E COM O FUTURO.

O século XX foi um século marcado por grandes avanços tecnológicos, como também por grandes guerras. Na primeira metade do século XX, no ano de 1914, deu-se início a primeira guerra mundial, que só chegou ao seu fim no ano de 1918, com mais de 10 milhões de soldados mortos, sem contar com civis e desaparecidos. No ano de 1919, ocorre a assinatura do tratado de Versalhes, a partir dele a Alemanha é considerada culpada pela guerra e lhes são aplicadas pesadas penas. Constitui-se um clima propício para o desenvolvimento de ideias radicais. Em 1933, Hitler torna-se o primeiro ministro alemão, e, por assim dizer, dar-se início ao drama da expansão do Nazismo e do Fascismo sobre a Europa. No ano de 1945, especificamente nos dias 06 e 09 de agosto, os EUA explodem bombas atômicas no Japão, sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, onde morreram mais 200 mil civis, 40% da população, deste número assustador de mortos, 86% estavam a um quilômetro de distância da explosão e foram mortas instantaneamente. Até hoje, por conta da irradiação, continuam morrendo pessoas com problemas herdados de seus pais e avós. Foi neste cenário marcado por guerras, genocídios, ideologias radicais e o uso destruidor da tecnologia nuclear que Jonas desenvolveu a sua reflexão sobre a ética e a responsabilidade.

Diante destes fatos perturbadores, num contexto histórico conflituoso, entendemos a preocupação de Jonas e a sua tradução em uma reflexão ética inovadora. O *homo sapiens* deu lugar ao *homo faber*, a falta de respeito para com o outro ocasionou milhares de mortes, a tecnologia que apresentava grandes avanços desde o fim da Idade Média, tomou um rumo incontrolável e pôs que acabou por colocar fim a vida de milhares de inocentes. O homem utilizou a tecnologia de modo destruidor, controlador e ameaçador.

Apesar de tudo o que a humanidade já vivenciou, tantas catástrofes, tantos assassinatos conjuntos, ainda existem aqueles que não se preocupam com os outros, voltando o seu olhar

apenas para si e para aqueles que são seus descendentes. O novo apelo ético exige que o homem se desprenda do seu egoísmo e tenha um olhar para o todo, volte o olhar para os desconhecidos, preocupar-se com os que ainda não nasceram, pensar na defesa da natureza.

É necessário que se tenha um cuidado para com o próximo, e para que esse cuidado exista, as ações em prol disso devem acontecer hoje, não buscando apenas o bem humano, mas como também, o bem das coisas extra-humanas, pois a vida humana depende disso, uma vez que o homem não poderá viver sem água, sem alimentos, sem oxigênio. A preservação do planeta para a constituição de uma vida futura digna e feliz deve acontecer agora, é este o momento que se tem para lutar e defender os que ainda não existem, esta é uma responsabilidade do presente.

Muitos já morreram por conta dos avanços tecnológicos, assim como também a vida de muitos já foram salvas, mas será permitido ao homem tentar alcançar a cura de uma doença utilizando de outro ser humano como cobaia e pondo fim a sua vida? Não. Argumenta Jonas que o homem não pode ser objeto de apostas. “O princípio ético fundamental, do qual o preceito extrai sua validade, é o seguinte: a existência ou a essência do homem, em sua totalidade, nunca podem ser transformadas em apostas do agir” (JONAS, 2006, 86). Diante disso, pode-se afirmar também que não é justificável o que aconteceu na Europa, com a expansão do Facismo e Nazismo, como também a destruição de Hiroshima e Nagasaki, como tantos outros casos que aqui não foram mencionados. Os estadistas, detentores do poder, nestes casos, se sentiram no direito de realizar um desejo seu, em nome dos supostos interesses de seus países, colocaram em risco e, ocasionaram o fim de milhares de pessoas. Hans Jonas, em *O Princípio Responsabilidade*, diz:

Mesmo para salvar a sua nação fica proibido ao estadista utilizar qualquer meio que possa aniquilar a humanidade. Mas, agora, entre as possíveis obras da tecnologia, há algumas que, por seus efeitos cumulativos, têm precisamente essa abrangência e penetração globais, ou seja, têm o poder de pôr em perigo quer a existência inteira ou a essência inteira dos homens no futuro. Em sua decisão fatídica, o estadista pode idealmente supor que compreende aqueles pelos quais ele decide, na condição de procurador. Mas não seria possível supor que a humanidade que ainda está por vir possa concordar com sua própria inexistência ou desumanização; contudo, caso se queira supor essa hipótese (quase desvairada), ela deveria ser repelida: pois existe (como ainda deve ser demonstrado) uma *obrigação incondicional* de existir, por parte da humanidade, que não pode ser confundida com a obrigação condicional de existir, por parte de cada indivíduo. Pode-se discutir a respeito do direito individual do suicídio, mas não do direito do suicídio por parte da humanidade (2006, p. 86).

O homem tem a obrigação de cuidar do outro homem, zelando por tudo aquilo que o faz permanecer existindo, e assim sendo, ele não tem o direito de fazer com que a vida de muitos sejam retiradas em nome de ideologias políticas ou de progresso tecnológicos. A existência da humanidade vai muito além de um desejo individual ou de um grupo de pessoas. E ainda levando em consideração a existência humana, Jonas diz: “[...] o imperativo de que deve existir uma humanidade é o primeiro, enquanto estivermos tratando exclusivamente do homem” (2006, p. 94). A preocupação com o homem deve ir além da natureza humana, sendo necessário que se tenha cuidados com a natureza extra-humana, procurando ampliar as finalidades das coisas, indo além daquilo que é da esfera do humano. A responsabilidade para com todos e com tudo, deve ser autêntica finalidade do agir humano.

É preciso que se pense cada ação, tendo em vista o bem comum e a durabilidade da vida na Terra. O que já foi feito no planeta Terra e com as pessoas que nele viveram não pode ser mudado, mas a atitude de hoje para com todos pode ser de modo a prolongar a vida humana na Terra, garantido que os que ainda existirão tenham uma vida de qualidade, podendo usufruir de tudo o que hoje ainda existe. Não é possível ao homem mudar o que foi feito, mas é possível que se pense a respeito do que já fora feito, para que as atitudes do presente não venham a comprometer a existência futura da vida no planeta.

Para que exista vida no futuro, o cuidado do homem não deve ser direcionado apenas ao homem, mas sim a tudo o que compreende o planeta, uma vez que o homem tem as suas necessidades, mas não somente os homens, como também tudo o que existe, que respira e de qualquer forma tenha vida. Assim como homem, a natureza também precisa ser cuidada, preservada, respeitada.

Como os seres humanos usaram a natureza sem levar em consideração a sua sustentabilidade, destruindo-a, ela vem demonstrando o seu descontentamento e a sua necessidade de cuidados, ela está ameaçada e “Quem está ameaçado levanta a voz” (JONAS, 2006, p. 231). Tsunamis, enchentes, erosões, furacões, são respostas da natureza ao agir humano desordenado.

Para que o homem possa agir bem, ele precisa repensar as suas atitudes, superar o quietismo moral, agindo com ética, não somente para com outro homem, mas com a natureza como um todo. E para que isso possa acontecer o homem precisa agir tendo como finalidade o cuidado com o todo e não somente com aquilo que está próximo a si, e um dos meios para que isso possa vir tornar-se realidade, é a sensibilização ética dos indivíduos. As pessoas precisam pensar e sentir o porquê de ser tão indispensável que se cuide do ambiente em que se vive.

4. A IMPORTÂNCIA DA APLICABILIDADE DA NOVA ÉTICA

Como a natureza foi modificada, tornou-se necessário que também a ética se modificasse para responder aos novos desafios suscitados pelo uso indevido da tecnologia. A ética da responsabilidade não se apresenta como uma proposta salvadora, mas como uma orientação norteadora para os novos tempos, tempos estes em que construímos uma dependência extrema de tecnologias que alteram a natureza de modo destruidor. A nova ética não é um modelo acabado, é articulada de modo que possa ser modificada de acordo com os prováveis avanços da nossa tecnologia; ela será mudada com o tempo, se adequando as necessidades de uma dada época, pois “[...] os novos poderes de agir [do homem] requerem novas regras éticas e talvez até uma nova ética” (JONAS, 1994, p.60). Sua posição teórica de construir uma ética aberta à modificações, responde a sua preocupação de não pensar só em termos dos problemas do presente.

Hans Jonas ao propor uma nova ética sente a necessidade de articular uma resposta para o presente, mas que leve em consideração o futuro, a própria sobrevivência planetária. Desse modo, faz uma crítica à ética tradicional, sobretudo à técnica que já não mais é utilizada para responder às necessidade humanas, mas sim para satisfazer propósitos de dominação que se traduzem em destruição e desequilíbrio.

O ser humano vive um momento no qual a preocupação é com o imediato, o aqui e o agora, estando preso ainda a ética antropocêntrica, “este imediatismo do viver para o aqui e o agora, por um lado, e o estado hipnótico provocado pela magia da técnica por outro, não só inibem mas também dispensam o homem de preocupar-se com o futuro distante” (SANTOS, 2011, p. 137), põe em risco a existência da vida no planeta.

No atual estágio da nossa civilização chegamos ao ápice do uso da técnica como mecanismo de dominação, e caso não se ponha em prática a nova ética, a tendência é que a vida planetária dure cada dia menos, pois “[...] o homem tornou-se perigoso não só para si, mas para toda a biosfera” (JONAS, 2006, p. 229). O que está em jogo não é apenas a vida do homem, mas também a vida dos animais, das árvores, dos insetos, de todos os seres vivos, que juntos compõem o planeta, e são tão necessários para que exista um equilíbrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em tempos de avanços contínuos e desenfreados da tecnologia, até mesmo o criador da técnica tornou-se objeto dela, e este é um dos motivos pelo qual a ética apresentada

por Hans Jonas torna-se tão indispensável no tempo presente. É preciso que a humanidade tome consciência de todo o risco que não somente a espécie humana corre, mas como também, tudo o que tem vida e existe no planeta Terra.

A preocupação das éticas clássicas até o momento da publicação de *O princípio Responsabilidade*, não tinham ligações diretas com os seres futuros, se limitavam apenas a responsabilidade com aqueles já existentes, sendo uma proximidade temporal. E com isso, o homem olhando só para si e para o homem que estava próximo de si, deixou de observar toda a natureza, todo o ecossistema a sua volta, e ela começou a esgotar-se.

Não se pode existir um contentamento diante dos fatos presentes, é de suma importância que as atitudes de hoje sejam realizadas e pensadas em nome de uma vida feliz, não somente no presente, mas como também, no futuro, futuro este que pode estar longe do nosso alcance ou que então esteja bem perto, à nossa porta.

Ainda há tempo de agir de forma correta perante a humanidade presente e os seres ainda não existentes, e a reflexão é um dos primeiros passos, no qual o homem rompendo com o seu egoísmo, passa a pensar naqueles que ainda existirão e que não podem se defender e nem defender a existência da vida.

ABSTRACT

The article at hand employed by Hans Jonas's writing, *The Imperative of Responsibility*, which proposes to promote a reflection about the human being's action before the humanity and nature, owing to the large technological growth. Hans Jonas brings the proposal of a new ethical principle, which was elaborate on the current historical context. He articulates an ethical alternative different of the previous because tenders to a collective behave in a reciprocal relationship in which the man has responsibility not only with the other whom shares a relationship with but with everything that exists and is going to exist. The ethic of responsibility is the ethic care of themselves, each other and nature, being that a practice obligation in front of the future and in the present's action.

KEYWORDS: Ethic. Responsibility. Nature.

REFERÊNCIAS

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

JONAS, Hans. Técnica e responsabilidade: reflexões sobre as novas tarefas da Ética. In _____. **Ética, medicina e técnica**. Lisboa: Veja Passagens, 1994. p. 27-62.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Coleção Biblioteca Universal).

SANTOS, Robson dos. **O problema da técnica e a crítica à tradição na ética de Hans Jonas**. Bioethikos. São Camilo, 2011. Disponível em: <<http://www.saocamilosp.br/pdf/bioethikos/85/130-140.pdf>>. Acesso em: 07 de mar. de 2014.